

Invasões e lixo alimentam males

GUILHERME GOULART

DA EQUIPE DO CORREIO

A agenda de prioridades do Ministério da Saúde funciona como uma espécie de termômetro nacional. Para que uma doença se encaixe na listagem e receba atenção especial em campanhas de prevenção, levam-se em conta pelo menos quatro índices: incidência, predominância, letalidade e expansão territorial. Se a enfermidade se encaixa em todos os perfis, é porque a preocupação das autoridades alcançou o estado de alerta. Além da Aids e da hanseníase, a dengue, leishmaniose e tuberculose

A PREOCUPAÇÃO COM AS DOENÇAS DE TRANSMISSÃO VETORIAL É QUE ELAS SE ESPALHEM POR OUTRAS ÁREAS. ELAS MIGRAM COM O MOVIMENTO DAS POPULAÇÕES

Expedito Luna, do Ministério da Saúde

reforçam o temor dos governos federal, estaduais e municipais. Os últimos três males, classificados entre negligenciados e emergentes, avançam no Brasil no Distrito Federal (veja arte). Um deles, no entanto, só venceu a fronteira sanitária da capital federal neste ano. O protozoário Leishmania atacou em Sobradinho II. Transmitido pelo mosquito do gênero *Lutzomyia longipalpis* (mosquito-palha), deixou centenas de cachorros e quatro pessoas doentes. Ainda matou a menina Renata Santos, 6 anos, moradora da Vila Rebelo II. A morte desencadeou um plano emergencial coordenado pelo Ministério da Saúde nas 16 localidades de Sobradinho II.

Até setembro de 2005, o DF jamais havia registrado casos de leishmaniose. Era mais comum em estados do Nordeste, Mato Grosso, Minas Gerais e São Paulo.

A estratégia de combate adotada no DF segue a mesma das demais unidades da federação. Investem-se em campanhas de conscientização, matança de cães infectados e dedetização de casas. "A preocupação com as doenças de transmissão vetorial é que elas se espalhem por outras áreas. Elas migram com o movimento das populações", explicou o diretor do Departamento de Vigilância Epidemiológica do Ministério da Saúde, Expedito Luna.

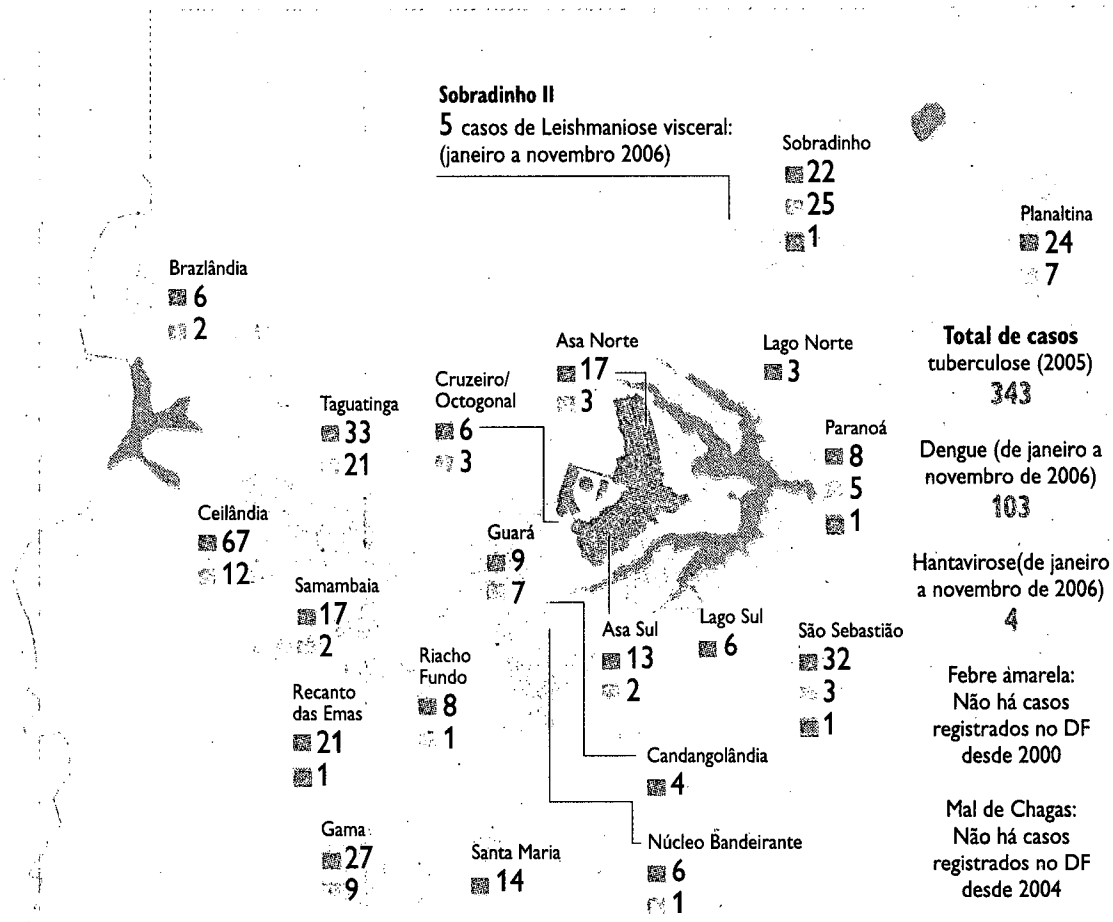
Algumas das enfermidades se desenvolvem com maior facilidade por causa das características de determinadas regiões. Crescimento desordenado, inva-

são de espaços naturais e lixo acumulado transformam cidades do DF em reservatórios de doenças. Uma das que mais preocupa hoje é a dengue. Ela bateu recordes no Brasil em 2006. Goiás, estado vizinho ao Distrito Federal, registra neste ano o maior número de casos desde 1981. A incidência frequente fez com as autoridades de saúde mudassem a classificação da virose de emergente para "permanente".

A Secretaria de Saúde do DF confirmou 311 casos de contaminação de dengue na capital do Brasil entre janeiro e novembro de 2006 – 103 tiveram origem no DF (autóctones). O número é 9,1% maior em comparação com o mesmo período do ano passado, quando 285 pessoas (112 autóctones) se infectaram com o vírus. Os registros se concentraram em Sobradinho, Taguatinga e Ceilândia. Para reforçar os cuidados, ocorre hoje o Dia Nacional de Mobilização Contra a Dengue. Educadores da Secretaria de Saúde do DF estarão na Rodoviária do

DF AMEAÇADO

Doenças como leishmaniose, tuberculose e dengue estão na agenda de prioridades do Ministério da Saúde. A primeira delas não existia em algumas regiões do Brasil até este ano, como o DF. Outras perderam o status de emergentes para virarem permanentes. É o caso da dengue



Plano Piloto e no Conjunto Nacional para distribuir folhetos educativos. A proliferação de mosquitos pode ser evitada ao se desfazer de pneus usados e recipientes com água parada.

Mistério

Apesar da queda no número de casos, outra doença que assusta o DF e o Entorno é a hantavirose. O mal transmitido pelo vírus presente nos roedores silvestres virou surto na capital federal em 2004. Foram 37 casos confirmados e 16 mortes. São Sebastião liderou as estatísticas. No ano seguinte, o número de registros caiu para 17 e o de pessoas que perderam a vida, seis. Até novembro deste ano, a Se-

cretaria de Saúde confirmou quatro casos, todos em cidades diferentes do DF. Não houve mortes depois do reforço nas campanhas de educação.

Para as autoridades locais, a quase epidemia de hantavirose teve relação com a falta de informação dos moradores das áreas rurais – também havia pouca capacitação dos próprios profissionais da rede pública de saúde. Uma das vítimas de 2004 foi um fazendeiro de 42 anos.

A família de Luziânia (GO) desconhecia a doença. Inclusive os médicos que a trataram como se fosse uma gripe. "Já estava há vários com os sintomas que hoje a gente sabe de cor. Quando descobriram que não era gripe, não

tinha tempo para mais nada", lamentou a cunhada da vítima, que preferiu não se identificar.

As listas de enfermidades inéditas no DF aumentaram ao ponto de aparecerem casos em que a causa da morte ficou em aberto. O comerciante Marcelo Nóbrega Gomes, 23 anos, perdeu a vida há dois meses.

O jovem de 1.93m e 97Kg não resistiu aos sintomas provocados por uma doença misteriosa. Por seis dias, teve febres súbitas, dores de cabeça e musculares, mal-estar, diarreia e icterícia. Não resistiu após sofrer uma hemorragia pulmonar. Laboratórios do DF e de São Paulo não detectaram o parasita responsável pela morte.

Ceilândia preocupa

No DF, as pesquisas sobre focos de leishmaniose feitas até agora pela Secretaria de Saúde alcançaram São Sebastião, Planaltina, Gama, Ceilândia, Sobradinho II e as invasões da Estrutural e Itapoã. Por enquanto, os agentes constataram a presença do mosquito-palha, transmissor da doença, e de cães infectados pelo protozoário *Leishmania* em 16 aglomerados urbanos de Sobradinho II. Na Estrutural e no Itapoã, os agentes coletaram sangue dos cães e nenhum tinha a doença. Nas outras áreas, eles procuraram pela presença do mosquito-palha, mas não o identificaram.

Apesar da concentração de casos em Sobradinho II, o trabalho será estendido para mais cidades. Um cão pode sair infectado de Sobradinho e ir para a Ceilândia, com a mudança de seu dono, por exemplo. O animal será inserido em um ambiente que pode ter o mosquito e a contaminação pode começar assim e se espalhar pelo DF, segundo o gerente de Controle de Zoonoses da Vigilância Ambiental da Secretaria de Saúde, Rodrigo Mena Barreto Rodrigues.

As características de urbanização e problemas sanitários de Ceilândia justificam a preocupação da secretaria. Na região administrativa há expansões como o Setor O que se assemelham muito a Vila Rabelo II e outras áreas propícias ao avanço da doença. Na Vila Rabelo II as ações de prevenção serão intensificadas a partir de segunda-feira com o início da desinsetização e visita às 370 casas do local.